

**AMBIENTES QUE PROPICIAM
A OCORRÊNCIA DO FENÔMENO
DA HARMONIZAÇÃO VOCÁLICA DO /e/ E /o/
NOS FALARES DA REGIONAL DO BAIXO ACRE**

Priscila Souza da Silva (UFAC)

priscilla_danca@hotmail.com

Antonieta Buriti de Souza Hosokawa (UFAC)

antonietauriti@ig.com.br

RESUMO

Este artigo tem como principal objetivo apresentar as etapas da pesquisa os ambientes que propiciam as ocorrências da harmonização das vogais pretônicas /e/ e /o/ na fala de informantes nos municípios de Rio Branco, Plácido de Castro e Porto Acre. Buscando trabalhar especificamente a Harmonização vocálica, em que a vogal média pretônica é assimilada à alta da sílaba tônica. É, portanto, um fenômeno de assimilação regressiva. (BISOL, 2007). Nessa variedade, ocorre o alçamento que transforma [e, o] em [i, u], respectivamente com em “m[i]dida” e “m[u]chila”. Nossa pretensão é descrever e examinar o comportamento das vogais médias pretônicas /e/ e /o/ na fala regional do Baixo Acre (municípios de Rio Branco, Porto Acre e Plácido de Castro). Os resultados levam-nos a interpretar que a vogal alta adjacente à pretônica tem importante papel na aplicação da regra do alçamento e a presença dessa vogal alta na sílaba tônica, em muitos casos, reforça, mas não determina a aplicação da regra de harmonia vocálica no dialeto da regional do baixo Acre.

Palavras-chave: Vogais pretônicas. Harmonização vocálica. Regional do Baixo Acre.

1. Introdução

O estudo dos ambientes que propiciam a ocorrência do fenômeno de harmonização vocálica do /e/ e do /o/ no falar da região do Baixo Acre municípios de Rio Branco, Plácido de Castro e Porto Acre. Constitui-se em tema bastante debatido na literatura: o alçamento das vogais médias para altas no português do Brasil. A ocorrência do fenômeno do alçamento é caracterizado pela elevação do traço de altura das vogais médias altas [e] e [o] que se realizam como vogais altas [i] e [u]. Com ênfase nos casos em que ocorre a harmonização vocálica nosso propósito aqui é o de refletir sobre esses processos, ao mesmo tempo, que apresentamos os resultados de nossa análise nos municípios da região acima citada. Alguns exemplos de ocorrências com alçamento na sílaba pretônica: c[o]lher > c[u]lher, ['kuɫɛ], m[e]lhor > m[i]lhor, [miɫɔ], t[e]soura > t[i]soura, [ti'zourə] e t[o]mate > t[u]mate [tumatʃi].

No Brasil, o português demorou a ser a língua predominantemente falada pela população. Apenas no século XVIII, a partir da política pom-balina – que incluía a expulsão dos jesuítas e a proibição do uso da língua geral –, o português tornou-se a língua oficial (cf. RODRIGUES, 1983). Até então, o que prevalecia eram as chamadas línguas gerais, uma delas falada na região de São Paulo – amplamente utilizada pelos bandeirantes –, e a outra falada na região amazônica (cf. RODRIGUES, 1996). Na definição de Rodrigues (1996), a expressão língua geral tomou um sentido bem definido no Brasil nos séculos XVII e XVIII, quando, tanto em São Paulo como no Maranhão e Pará, passou a designar as línguas de origem indígena faladas, nas respectivas províncias, por toda a população originada no cruzamento de europeus e índios tupi-guaranis, (...) à qual foi-se agregando o contingente de origem africana e contingentes de vários outros povos indígenas.

Dadas as dificuldades encontradas pela língua portuguesa de disseminar-se pelo território brasileiro, não apenas por conta das línguas gerais, mas por diversos outros fatores, como a carência de uma política educacional, a extensão do território e a grande quantidade de línguas e etnias, a história da língua portuguesa no Brasil ainda hoje é assunto de especulação. Mattos e Silva (1992) afirma: “Passados quase cinco séculos, está ainda por ser reconstruído o processo do encontro, politicamente assimétrico, entre a língua portuguesa, língua de dominação, as muitas línguas autóctones e as diversas línguas aqui chegadas”.

Teyssier (2004) observa que em 1767, Frei Luís do Monte Carmelo (*Compendio de Ortographia*) assinala pela primeira vez um traço fonético dos brasileiros, que é o de não fazerem distinção entre as pretônicas abertas (ex.: pãdeiro, prègar, còrar) e as fechadas (ex.: cadeia, pregar, morar). Jerônimo Soares Barbosa (*Grammatica Philosophica*, 1822) salienta o mesmo fato e acrescenta que os brasileiros dizem m[i]nino por m[e]nino, m[i] deu por m[e] deu; que não cham os -S implosivos (mistério, fasto, livros novos).

Em alguns aspectos, o português do Brasil se aproxima do português europeu, perpetuando determinados traços. O fato de os brasileiros pronunciarem “minino” demonstra que a variação, inerente ao português europeu, é simplesmente repassada para o português do Brasil, ou seja, esse traço característico é conservado. A elevação regida pela assimilação perpassou todas as variedades faladas no Brasil, sendo hoje um fenômeno supradialetal. É registrada na fala de várias regiões:

- na fala carioca por Nascentes (1953: 29, 35): minino, pidí, cuzinha, cortina;
- na fala paulista por Amaral (1920: 23, 24): pirigo, dilicado, minino, atrivido,
- na fala goiana por José Teixeira (apud Elia, 1963: 254): siguro, minino, mintiroso, sirviço.
- na fala nordestina por Marroquim (1934: 47, 56, 57, 72): pidir, izistir, encubrir.
- na fala gaúcha por Elpídio Paes (apud Elia, 1963: 256): bunito, cubrir, curtir, durmir.

A visão panorâmica da evolução do português do Brasil sob o enfoque das vogais pretônicas leva à conclusão de que o português falado no Brasil, assim como em Portugal, não é homogêneo. A variação dialetal, a elevação e o abaixamento não nasceram no português falado na colônia, mas vieram “na bagagem” dos falantes de Portugal. O português do Brasil, portanto, conservou tais características. Com a distância geográfica, ambas as línguas passaram por transformações: o português europeu sofreu o processo de redução, no qual as vogais pretônicas foram especialmente afetadas. Juntamente com a redução, houve a aceleração rítmica, não ocorrida no português do Brasil, que guardou um ritmo mais pausado, geralmente pronunciando todas as vogais pretônicas.

O estudo das vogais médias em posição pretônica pode ser realizado sob o recorte do plano sincrônico apenas, no entanto é de extrema importância retratar o percurso histórico pelo qual essas vogais passaram na língua portuguesa, ou seja, conhecê-las também sob o recorte do plano diacrônico. Isso porque a variação linguística representa um contínuo e não um fenômeno em um ponto isolado da língua. Essas alterações foram iniciadas já na passagem do latim vulgar, a perda de consoantes intervocálicas do latim fez com que surgissem os hiatos, também perdidos posteriormente, como, por exemplo, em *malum* > ma-o > mau, *colore* > cor > cor.

A dissimilação também era um fenômeno frequente, e as gramáticas fazem referência à pronúncia com ambas as vogais: médias fechadas [e] e [o] e altas [i] e [u]: *dizia* > *dezia*; *foturo* > *futuro*; *instrumento* > *estormento* (NARO, 1973; TEYSSIER, 2004). A elevação ocorria para a vogal /e/ em ambiente de sílaba travada por nasal ou /S/ no início da palavra como em “entender” e “escola”. Segundo Naro (1973), a elevação

no contexto nasalizado decorreu de uma confusão dos prefixos na evolução do latim para o português.

No século XVIII, o quadro vocálico do português europeu foi alterado com o processo de redução sofrido pelas pretônicas médias. A posterior /o/ passou a ser produzida como [u], e a anterior /e/ como [i]. Formas como “cutuvelo” para “cotovelo”, “murar” para “murar”, “xuver” para “chover”.

Assim, este trabalho está dividido da seguinte forma: apresentação do quadro das vogais do português do Brasil, proposto por Câmara Jr.; apresentação de conceitos e exemplos do processo da harmonização vocálica, bem como de estudos que enfocam este assunto, realizados sob óticas diversas, em vários locais do Brasil; Síntese dos três municípios do ponto de inquérito, apresentação da metodologia seguida no decorrer da pesquisa. Discussão de alguns resultados e conclusão.

2. O quadro das vogais no português do Brasil, segundo Câmara Jr.

São três os parâmetros articulatórios empregados para a classificação das vogais: ângulo de abertura do maxilar inferior; posição da língua em relação ao palato duro e arredondamento ou não arredondamento dos lábios. Utilizando o segundo parâmetro e partindo da posição tônica, que oferece maior nitidez dos traços distintivos, Câmara Jr. (1970) apresenta as vogais do português em um sistema triangular. No vértice mais baixo, encontra-se a vogal /a/, classificada como baixa; de acordo com a gradual elevação da língua, apresentam-se as vogais médias (divididas em médias de 1º e 2º graus); em seguida, as vogais altas.

No que se refere à posição da língua em posição ao palato duro, classificam-se as vogais da seguinte forma: vogal anterior (caracterizada pelo avanço da parte anterior da língua); posterior (caracterizada pelo recuo da parte posterior da língua e arredondamento dos lábios); e central. Abaixo, temos a representação do sistema, segundo Câmara Jr. (1970), com as sete vogais orais na posição tônica.

Tônica			
Altas	/i/	/u/	
Médias	/e/	/o/	2º grau
Médias	/E/	/O/	1º grau
Baixa	/a/		
Anteriores	Central	Posteriores	

Esse quadro é alterado nas posições átonas, devido à neutralização, que consiste na perda da capacidade distintiva de um fonema em determinado contexto. Os sete fonemas vocálicos se reduzem a cinco na posição pretônica, num processo denominado redução vocálica. Dessa forma, a oposição que existia entre /e/ e /E/ e entre /o/ e /O/ na pausa tônica deixa de existir.

Pretônica		
/i/		/u/
/e/		/o/
	-	-
	/a/	

Na posição átona final, o quadro, segundo Câmara Jr., reduz-se mais ainda, apresentando somente três vogais [I, U, a]. Note-se, no entanto, que estudos realizados em diversas partes do Brasil, notadamente no sul, têm demonstrado que em algumas localidades, o /e/ e o /o/ se mantêm na posição átona final.

Pós-tônica final		
/i/		/u/
		/a/

Este trabalho está voltado para um processo fonético que geralmente ocorre com as vogais na posição pretônica, a harmonização vocálica, razão pela qual passamos a apresentar estudos sobre esse tema específico.

3. Harmonização vocálica

Harmonização vocálica é um processo fonético em que ocorre uma “tendência de assimilação vocálica tradicional no português, em que uma vogal média pretônica cede espaço à correspondente alta da mesma zona articulatória por influência da vogal tônica alta” (CAVALIÈRE, s. d.). Exemplos clássicos desse processo são m[i]nino por m[e]nino e c[u]ruja por coruja. Para Bisol (2007, p. 285), trata-se do processo pelo qual as vogais médias pretônicas /e/ e /o/ assimilam o traço de altura das vogais altas /i/ e /u/. Crowley (2003) escreve que é a assimilação de uma ou mais características de uma vogal para outra ou até para outras vogais na mesma palavra.

Em outras palavras, podemos dizer que esse processo se define pela elevação das vogais médias pretônicas por influência de uma vogal alta presente na sílaba tônica seguinte. A vogal média da sílaba pretônica se eleva, procurando estabelecer uma “harmonia” entre ela e a tônica que a sucede.

Bisol (1981, p. 259), em sua tese de doutorado, realizou pesquisa que trata do comportamento das vogais médias em posição pretônica na fala de moradores do estado do Rio Grande do Sul. Dentre suas conclusões gerais, destacam-se:

As vogais /e/ e /o/ assumem diferentes realizações na posição pretônica: ora como médias (/e/ e /o/), ora como altas (/i/ e /u/), e ora como vogal de timbre intermediário, que entre as duas se coloca.

A regularidade com que a mudança da pretônica ocorre em certos ambientes permite depreender a sistematicidade do fenômeno e descrevê-lo como uma regra gramatical.

– A harmonização vocálica é um processo de assimilação regressiva, desencadeado pela vogal alta da sílaba imediatamente seguinte, independente de sua tonicidade, que pode atingir uma, algumas ou todas as vogais médias do contexto.

Ainda em relação ao processo de harmonização vocálica, Bisol faz interessantes colocações, destacando que a vogal alta /i/ tem o poder de causar à elevação de ambas as vogais médias (/e/ e /o/), enquanto a vogal /u/ possui mais forte atuação sobre /o/. De acordo com a autora, isso ocorre devido a uma “economia de espaço articulatório”. Isso ocorre porque embora /i/ e /u/ sejam classificadas como vogais altas, não se encontram em um mesmo nível de altura. A autora afirma: “a mais alta posição da língua é a que corresponde à emissão da vogal /i/, enquanto /u/ se põe em diagonal com /e/, dele não se distanciando tanto em altura

quanto /i/ se distancia de /e/” (1981, p. 114). Tal fato ocorre, segundo a pesquisadora, por uma razão fisiológica: “o espaço na cavidade bucal para a emissão das vogais anteriores é maior do que o espaço destinado à emissão das posteriores” (1981, p. 114). A partir disso, é possível concluir que a vogal /u/ é menos alta que a vogal /i/. Dessa forma, é natural que /u/ não exerça sua força atrativa sobre /e/, pois alçá-la seria provocar uma articulação mais alta que a própria.

Segundo Bortoni, Gomes e Malvar (1992), a tradição filológica explica a variação das pretônicas em português através da regra de harmonização vocálica, em que a vogal média pretônica é assimilada à alta da sílaba tônica. É, portanto, um fenômeno de assimilação regressiva.

A exemplo dos autores anteriores, Câmara Jr. (1996) trata a harmonização vocálica como o principal fator para que as médias [e] e [o] pretônicas se alterem, mas aponta um outro contexto, a sua presença em hiato com um [a] tônico.

Battisti e Vieira (2001) afirmam que a harmonização vocálica é um caso de variação que não causa alteração no sistema e não tem o caráter fonológico da neutralização. Dessa forma, podemos encontrar variantes como: *coruja* > *curuja*, *vestido* > *vistido*, etc. No entanto, nem todos os casos de alçamento podem ser explicados pela harmonização vocálica, como em *vuar*, *passiar* etc. Câmara Jr., em 1970, já interpretava esses exemplos como casos de debordamento, ou seja, os valores de /e/ e /o/ acumulam-se sobre /i/ e /u/. O autor acrescenta que se trata de uma flutuação dentro do sistema, que atrofia ou hipertrofia elementos dele.

A sociolinguística quantitativa, nas análises realizadas em alguns falares brasileiros, confirma a presença de uma vogal alta na sílaba subsequente, tônica ou não, como condicionante da variação, embora haja uma assimetria no comportamento das vogais [i] e [u] como propulsoras do processo de alteamento (LEITE; MORAES; CALLOU, 2002), ou seja, a vogal alta anterior é mais favorável ao fenômeno do que a vogal alta posterior. No entanto, não são somente as vogais [i] e [u] que funcionam como condicionantes favoráveis à harmonização, as consoantes adjacentes também podem ser relevantes para tal processo:

– A lateral palatal, grafada lh, tem o efeito de altear a vogal (c[u]lher e m[i]lhor).

– As consoantes labiais (p/b, f/v, m) provocam a elevação apenas

de o, como em m[u]leque, b[u]neca, apesar da presença em sílaba tônica de uma vogal aberta” (LEITE; MORAES; CALLOU, 2002).

– O alteamento presente em palavras como [i]special, d[i]sfile e d[u]ença, por sua vez, revela a variação sensível ainda ao padrão silábico: sílabas iniciais travadas por /S/ e em hiatos (LEITE; MORAES; CALLOU, 2002). A propósito da ocorrência da harmonização vocálica em função da influência de consoantes adjacentes e não da vogal sílaba tônica, Carneiro e Magalhães (s. d.) dão exemplos como m[u]leque por m[o]leque, b[u]cejar por b[o]cejar, c[u]légio por c[o]légio.

De nossa parte, nesses casos, preferimos creditar a elevação das médias a efeitos de coarticulação entre consoantes e vogais, deixando de lado a harmonização vocálica como causa do processo, embora, eventualmente, a alteração possa harmonizar as vogais da palavra. Quanto aos estudos desenvolvidos no Brasil sobre essa temática, grande parte se baseia em pressupostos teóricos do modelo neogramático ou do modelo da difusão lexical.

Nesse sentido, enquanto Bisol (1981) – de acordo com o princípio neogramático – estabelece que é possível descrever a variação das vogais pretônicas como uma regra variável devido à regularidade com que a mudança ocorre em certos ambientes e propõe uma regra categórica para o alçamento de vogais, Viegas (1987) procura mostrar que este processo tem características de um fenômeno variável. Partindo desse pressuposto, Viegas (1987) observou, sob a perspectiva neogramática, que em casos como: “p/ê/rigo ~ p[i]rigo; b/ô/nito ~ b[u]nito; v/ê/ludo ~ v[i]ludo”, a vogal alta [i] ou [u] seguinte, estaria influenciando o alçamento das vogais médias /ê/ e /ô/.

Assim, segundo Bisol (1981), a elevação pode ser explicada pelo processo de harmonia vocálica, ou seja, a vogal média alta pretônica se eleva pela busca de uma harmonia entre ela e a vogal da posição tônica. Além da regra de harmonia vocálica, Viegas (1987) percebeu que havia uma segunda proposta de regra: o enfraquecimento da vogal por assimilação dos traços consonantais adjacentes.

Assim, um fator favorecedor da elevação /o/ – [u], conforme Viegas (1987), diz respeito às consoantes que antecedem e sucedem a vogal pretônica, como as oclusivas (/p/; /b/; /t/; /k/; /g/), a palatal (/lh/), as nasais (/m/; /n/) e as fricativas (/f/; /v/; /s/; /z/; /ch/; /j/).

Por outro lado, a regra da harmonia vocálica – assimilação regres-

siva do traço de altura da vogal seguinte, como em m/e/nino~ m[i]nino; c/o/ruja ~ c[u]ruja – se aplicaria mais aos casos de alçamento de /e/ – [i]. Apesar de grande parte dos exemplos favorecer a interpretação da variação sob a ótica neogramática do condicionamento fonético, nem todos os casos apontados por Viegas (1987) puderam ser justificados sob tal perspectiva. É o caso, por exemplo, das palavras “tomate” e “tomada”.

O item “tomate” foi favorável ao alçamento, propiciando a ocorrência t[u]mate, ao passo que “tomada” apesar de apresentar o mesmo contexto não alçou nenhuma vez. A autora demonstrou ainda a relevância do fator semântico na implementação da mudança em questão. Assim, segundo Viegas (1987), itens lexicais menos prestigiados favoreceram a implementação da regra de alçamento das vogais médias pretônicas. Como exemplo, cita palavras como “P[e]ru (país, inclusive escrito com letra maiúscula) e p[i]ru (ave); p[o]rção (usado, normalmente, em restaurantes) e p[u]rção (usado para designar muita quantidade)”.

Segundo sua hipótese, em todos os exemplos citados, os primeiros itens seriam resistentes à mudança porque carregariam elevado prestígio social, enquanto a segunda realização possuiria caráter depreciativo. Embora não descartemos os aportes desses estudos, nossa fundamentação estará calcada na fonética e na linguística histórica.

4. Breve histórico dos municípios aqui pesquisados: Rio Branco–Acre, Porto Acre e Plácido de Castro

4.1. Rio Branco

Rio Branco é um município brasileiro, capital do estado do Acre. Localizado no Vale do Acre, na região Norte do Brasil, é o mais populoso município do Estado, com 305.954 habitantes, segundo estimativa de 2009 – quase metade da população estadual. Rio Branco foi também um dos primeiros povoados a surgir nas margens do rio Acre. Em 1913, tornou-se município. Em 1920, capital do território do Acre e, em 1962, capital do estado. É o centro administrativo, econômico e cultural da região.

A capital do estado do Acre (o nome Acre origina-se de aqui, transcrita pelos exploradores desta região da palavra uwakuru do dialeto dos índios ipurinã), surgiu a partir do seringal fundado em 28 de dezembro de 1882, pelo cearense Neutel Maia. Segundo a tradição, em fins de 1882, numa pronunciada volta do rio Acre, uma frondosa gameleira

chamou a atenção de exploradores que subiam o rio e levou-os a abrir um seringal ali mesmo. Tratava-se do seringalista Neutel Maia, que, com sua família e trabalhadores, chegava à região do Acre.

Maia fundou o seu primeiro seringal, Seringal Volta da Empresa, à margem direita do rio Acre, ao longo da grande curva do rio, onde ainda hoje está a gameleira – no local em que hoje se encontra o Segundo Distrito. Ali foi iniciada a construção de barracões, em terras antes ocupadas pelas tribos indígenas aquiris, canamaris e maneteris. Em seguida, Maia abriu um outro seringal, na margem esquerda do rio Acre – onde atualmente está instalado o Palácio do Governo do Acre – com o nome de Seringal Empresa.

Anos depois, a mesma gameleira seria testemunha dos combates travados na Volta da Empresa, entre revolucionários acrianos e tropas bolivianas, durante o crítico período da Revolução Acriana, que tornou o Acre parte do Brasil, no início deste século. Terminada a Revolução Acriana, após a assinatura do Tratado de Petrópolis, em 17 de novembro de 1903, e a anexação definitiva do Acre – agora Território Federal do Acre – ao Brasil, Rio Branco foi elevada à categoria de vila, tornando-se sede do departamento do Alto Acre.

Cunha Matos, a mando do governo federal, chegou ao Acre em 18 de agosto de 1904, para governar, como prefeito, o departamento do Alto Acre, cargo que exerceu até 1905. No dia 19 de agosto de 1904, Cunha Matos decidiu estabelecer a sede provisória de sua prefeitura no povoado criado em torno do seringal Volta da Empresa, onde hoje está o Segundo Distrito da capital, à margem direita do rio Acre. A povoação passou a ser chamar-se Vila Rio Branco no dia 22 de agosto de 1904. A "Villa Rio Branco" afirmou-se como o principal centro urbano de todo o vale do Acre, o mais rico e produtivo do território.

Em 13 de junho de 1909, o então prefeito do Departamento do Alto Acre, coronel Gabino Besouro, mudou a sede da prefeitura para a margem esquerda do rio Acre, onde hoje funcionam os principais órgãos públicos como o Palácio do Governo, Tribunal de Justiça, Assembleia Legislativa e Palácio das Secretarias, nas terras do Seringal Empresa, recebendo o nome de Penápolis (em homenagem ao então Presidente Afonso Pena), onde a terra era mais alta, não sujeita às alagações do rio Acre. Foi uma instalação definitiva. Em 1910, o prefeito Leônidas Benício de Melo, assinou uma Resolução, criando o município de Empresa, juntando a Vila Rio Branco (no Seringal Volta da Empresa, do lado direi-

to do rio Acre) e a localidade de Penápolis (Serungal Empresa, do lado esquerdo do rio Acre).

Em fevereiro de 1911, o prefeito Deocleciano Coelho de Sousa, adotou novamente o nome de município de Penápolis. De forma definitiva, em 1912, os dois lados da cidade passam a se chamar "Rio Branco", em homenagem ao Barão de Rio Branco, chanceler brasileiro cuja ação diplomática resultou no Tratado de Petrópolis. Em 1920 o município de Rio Branco passa a ser a capital do então Território do Acre – depois Estado do Acre. Durante todos esses acontecimentos, a rua surgida em torno da Gameleira, na margem direita do rio Acre, era o centro da vida comercial e urbana dessa parte da Amazônia. Ali se situavam os bares, cafés e cassinos que movimentavam a vida noturna da cidade; ali se encontravam os principais representantes comerciais das casas aviadoras nacionais e estrangeiras que movimentavam milhares de contos de réis naquela época de riqueza e fausto. Ali moravam as principais famílias da elite urbana composta por profissionais liberais e pelo funcionalismo público. Rio Branco se localiza a 9°58'29'' sul e a 67°48'36'' oeste, numa altitude de 153 metros acima do nível do mar. A cidade é cortada pelo rio Acre, que divide a cidade em duas partes denominadas Primeiro e Segundo Distritos. Atualmente, o rio é atravessado por seis passarelas – a mais nova é a Passarela Joaquim Macedo.

O município localiza-se na microrregião de Rio Branco, mesorregião do Vale do Acre. Limita-se ao norte com os municípios de Bujari e Porto Acre e com o Amazonas, ao sul com os municípios de Xapuri e Capixaba, a leste com o município de Senador Guiomard e a oeste com o município de Sena Madureira. Rio Branco situa-se em ambas as margens do Rio Acre, sua topografia à direita (na região hoje denominada pelo Segundo Distrito) formada por imensa planície de aluvião, enquanto que o solo na margem esquerda (onde fica o centro da cidade), caracteriza-se por sucessão de aclives suaves.

Cerca de 90% dos sedimentos da Bacia do Acre são de idade terciária de origem continental fluvial, tendo sido estudados sob denominações diversas, como a Formação de Pebas Manaus, Puca e Rio Branco. Delas a mais conhecida é a Formação Solimões. A Formação Solimões é composta por sedimentos típicos de planície de inundação, apresentando estratificações cruzadas, estrutura laminar em argilitos, siltitos acamados e em lentes, arenitos finos e grosseiros em lentes ou interditados com siltitos e argilitos etc.

4.2. Porto Acre

Situado às margens do Rio Acre, Porto Acre é considerado um município histórico por ter sediado, no início do século, repartições boliviana (Puerto Alonso) e brasileira (Porto Acre) e ainda por servir de palco para sangrentas batalhas que culminaram com a incorporação do território acriano à nação brasileira.

As terras do atual município, até 1899, pertenciam à Bolívia e se chamavam Puerto Alonso. A partir desse ano, com a expulsão dos bolivianos e proclamação por Galvez, do Estado Independente do Acre, passou a sede a denominar-se Porto Acre. Porém, retornou às mãos dos bolivianos após a deposição e prisão de Galvez. Em 1903, Plácido de Castro e suas tropas cercaram Puerto Alonso e durante nove dias combateram o exército inimigo, culminando com a rendição boliviana. Plácido de Castro então proclamou a República do Acre e ocupou definitivamente o povoado que passou a denominar-se Cidade do Acre, depois Porto Acre. Em 1992, foi desmembrado do município de Rio Branco, ganhando sua autonomia.

4.3. Plácido de Castro

Faz fronteira com a Bolívia, e divisa com o Estado de Rondônia, com os municípios de Acrelândia, Senador Guiomard e Rio Branco. O município de Plácido de Castro foi criado em 30 de março de 1963. Inicialmente o local era uma colocação de seringueiros, passando posteriormente a depósito do Seringal São Gabriel, com o nome de Pacatuba. Em 1922 com o crescimento do povoado recebeu o nome de Plácido de Castro. Seu surgimento se deu em razão da posição comercial estratégica para a compra de borracha, castanha e fornecimento de mercadorias, função de entreposto que concentrava toda produção da rica e vasta região boliviana.

Oteve sua autonomia pela Lei Estadual n.º 568, de 14 de maio de 1976, teve sua efetiva instalação dia 30 de março de 1977. Situa-se a uma altitude de 120 m acima do nível do mar. Com o asfaltamento dos 95 km da rodovia AC-40, a população de Rio Branco e outros municípios passaram a utilizá-la para passeios. O fluxo de pessoas levou os vizinhos bolivianos a trazerem produtos importados, principalmente dos Estados Unidos, Panamá e países asiáticos para a vila Montevideú, em solo boliviano e que hoje é popularmente conhecido como o shopping da Amazônia. O

nome da cidade é uma homenagem ao herói da revolução acriana, Plácido de Castro.

5. Metodologia

Quanto ao universo da pesquisa, foram entrevistados dois homens, sendo um da faixa etária A de (18 a 45 anos) e o outro da faixa etária B de (45 a 60 anos). Duas mulheres, sendo uma da faixa etária A de (18 a 45 anos) e a segunda da faixa etária B de (45 a 60 anos). Perfazendo o total de quatro informantes do município de Plácido de Castro. No município de Porto Acre foi feita quatro entrevistas sendo dois informantes (homem e mulher) da faixa etária A e dois informantes (homem e mulher) da faixa etária B. Sendo ambos os municípios referidos com grau de instrução até a 4^o série do ensino fundamental.

No município de Rio Branco, por ser a capital, o número de informantes é maior (doze) foi entrevistado dois informantes (um homem e uma mulher) da faixa etária A (18-35 anos) e dois informantes (um homem e uma mulher) da faixa etária B (45-60 anos) com grau de instrução até a 4^a série do ensino fundamental. Estendendo-se há oito, com nível superior completo, dois homens e duas mulheres. A faixa etária A e B distribui-se igualmente para ambos os sexos. E o superior incompleto, dois homens e duas mulheres com a faixa etária A e B distribuindo-se igualmente para ambos os sexos. Perfazendo um total de doze informantes na Capital.

– Em função das diferentes tendências que se delineiam, atualmente, para a metodologia da pesquisa dialetal. Esta foi desenvolvida conforme os parâmetros metodológicos adotados pelo projeto ALIB. Tais como:

– Faixas-etárias: faixa I (18 a 45 anos), faixa II (45 a 60 anos). Distribuem-se igualmente pelos dois sexos.

– ter nascido no município (ou ter chegado até os cinco anos de idade);

– Ter vivido a maior parte de sua vida no local.

Além disso, o presente trabalho levou em consideração algumas variáveis sociais, pois, nas palavras de Bisol: “Padrões sociais e linguísticos interagem de tal forma que a correlação entre eles pode apontar a significação linguística de uma variável” (1981, p. 27).

No trabalho de campo, utilizamos um gravador digital Panasonic, cedido pelo professor Dr. Vicente Cerqueira²⁶ e um microfone do *Skype*, acoplado ao *notebook* e registro escrito de informações. As entrevistas foram realizadas com o questionário do ALiB divididas em três seções: questionário fonético-fonológico (QFF), questionário semântico-lexical (QSL), e questionário morfossintático (QMS).²⁷ Cada entrevista teve duração mínima de duas horas. Concernente aos dados coletados durante a pesquisa, estes estão armazenados em CD-ROM e podem ser encontrados no acervo do CED-Ac. Obedecendo a um rigoroso processo de identificação e catalogação de forma a garantir o acesso imediato e seguro para análise e consulta. Estes dados possuem um vasto questionário específico (numa relação palavra e coisa), na área da pesquisa com questões que abordam os seguintes campos semânticos: natureza, fenômenos atmosféricos, o corpo humano, fauna e flora, comida e bebida, e instrumentos de trabalho.

6. Discussão dos dados

O *corpus* foi constituído de 324 produções contendo²⁸ /e/ (156) (18%) ou /o/ (168) (18%) em posição pretônica. Trataremos dos dois casos separadamente. E nos municípios (Plácido de Castro e Porto Acre) foram /e/ (52) e /o/ (56) produções. As palavras em que aparecem /e/ em posição pretônica foram: tesoura, cebola, estrada, desvio, seguro, emprego, escola, mentira, ferida, desmaio, encontrar, esquerdo. As palavras com /o/ na mesma posição foram: gordura, colher, tomate, botar, bonito, ovelha, borboleta, borracha, companheiro, inocente, orelha, joelho, dormindo, assoviar.

Da observação dos casos, depreendemos que, em relação a /e/30 (18%) das 324 produções sofreram alteamento e em relação a /o/ 28 (18%) das produções também se alteraram, com o mesmo processo. Es-

²⁶ Agradecemos ao professor Dr. Vicente Pela concessão de um ano do gravador digital, que se mostrou de inestimável valia para a pesquisa.

²⁷ As Transcrições feitas sob orientação do professor Ms. Shelton Lima que consumiu parte do seu tempo prestando informações valiosas, bem como efetivamente contribuindo com o andamento da pesquisa. E pela gentileza da leitura de meu projeto e pelas críticas rigorosas, instrutivas e iluminadoras.

²⁸ Cálculos feitos com ajuda da Bolsista e amiga Luana Costa agradeço pelo carinho, gentileza e disposição à ajudar- me nos cálculos dos informantes.

ses percentuais são mais bem visualizados nos gráficos 1 e 2.

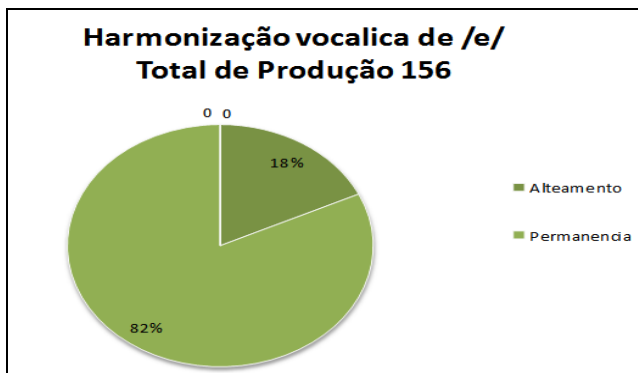


Gráfico 1 Geral do município de Rio Branco



Gráfico 2 Geral do município de Rio Branco

Os gráficos 1 e 2 mostram as estatísticas da aplicação da regra de harmonização das duas vogais em nosso corpus, com percentuais absolutamente iguais. Observe-se que o percentual de alçamento 18 % para os dois casos, não é alto, bastante abaixo da metade do total de 327 produções. Isso pode ser explicado pelo fato de os informantes serem residentes na Capital e também quatro deles ter nível superior completo e incompleto e apenas quatro com grau de instrução de até a 4ª série do ensi-

no fundamental. Acredita-se que de alguma forma esses informantes sofreram/sofreram influência linguística, portanto, um grau maior de cuidado com a fala.

Os casos em que houve alteamento da vogal [e] foram os seguintes: f[i]rida por f[e]rida; [i]strada por [e]strada; d[i]svio por d[e]svio; [i]mprego por [e]mprego; [i]ncontrar por [e]ncontrar. Dessas ocorrências, somente duas se caracterizam como casos realmente efetivos de harmonização vocálica, em que, conforme vimos nos diversos conceitos mostrados anteriormente, a vogal média da sílaba pretônica sofre os efeitos da vogal alta da sílaba seguinte, acabando por assimilar o traço alto desta última. Assim, [e] de “ferida” e de “desvio” são pronunciadas [i].

Os demais casos, ou seja, [e] de “estrada”, de “emprego” e de “encontrar” se encaixam mais na condição da influência da consoante adjacente [S] na primeira e do traço de nasalidade nas duas últimas. Os casos em que houve alteração de [o] foram: b[u]nito por b[o]nito; c[u]lher por c[o]lher; b[u]tar por b[o]tar; borb[u]leta por borb[o]leta; d[u]rmindo por d[o]rmindo; ass[u]viar por ass[o]viar; j[u]elho por j[o]elho. A exemplo do que ocorreu com [e], alguns casos não se tratam exatamente de harmonização vocálica. Assim, o [u] no lugar de [o] em “colher”, “botar”, “borboleta” não estão sob a influência de uma vogal alta na sílaba seguinte, simplesmente pelo fato de esta vogal ser média [e] em colher e baixa [a] em botar; parece-nos que [o] nesses casos está sob a influência da consoante velar [k] em “colher” e da consoante bilabial [b] em “botar”.

O mesmo ocorre com o [u] de “joelho” que sofre a influência da consoante [Z], não havendo vogal alta na sílaba tônica. Em d[u]rmindo e ass[u]viar, interpretamos que estejam ocorrendo os dois fatores: a influência da vogal alta [i] da sílaba tônica, sendo, portanto, harmonização vocálica, e a influência de [d] e de [S]. Note-se, contudo, que a altura da vogal tônica [i] não é a mesma do [o].

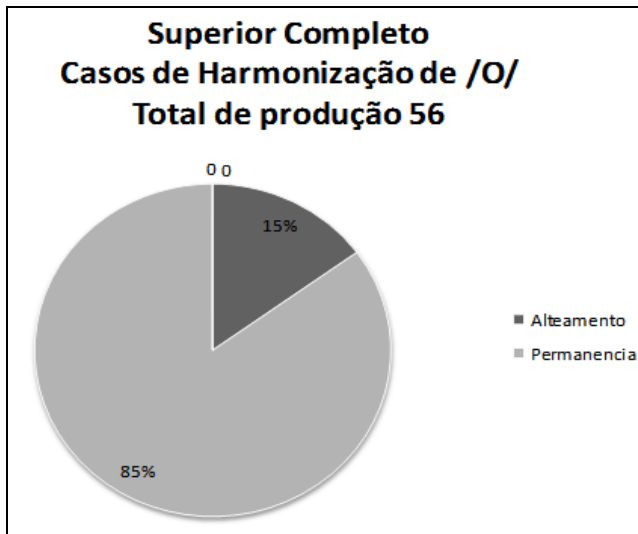


Gráfico 3 Superior Completo

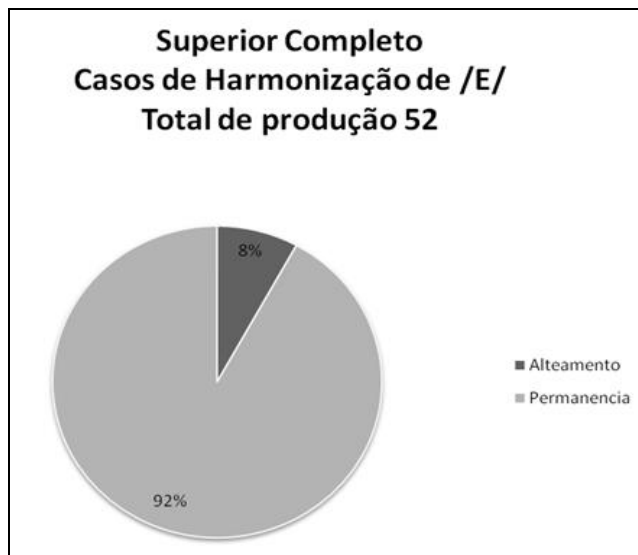


Gráfico 4 Superior Completo

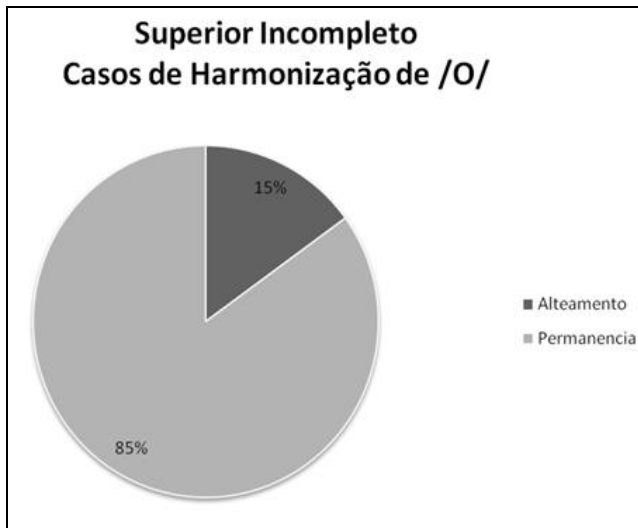


Gráfico 5 Superior Incompleto

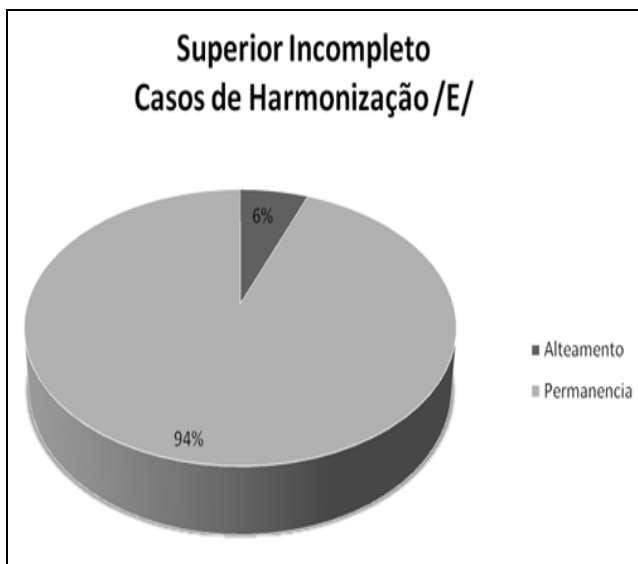
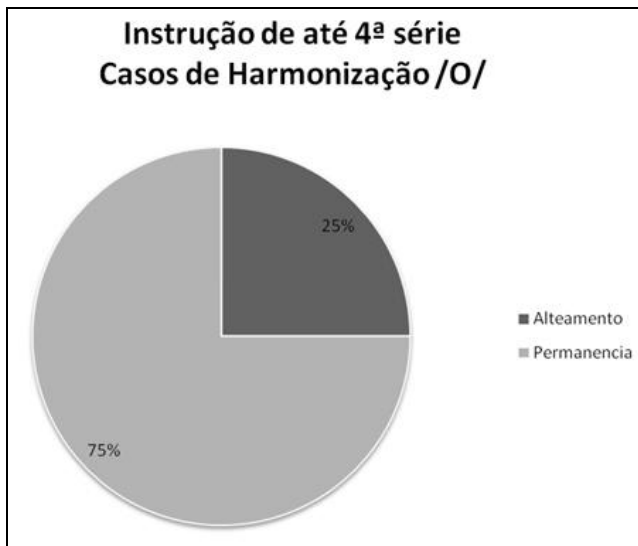


Gráfico 6 Superior Incompleto



Gráficos Grau de instrução de até a 4ª série do Ensino Fundamental

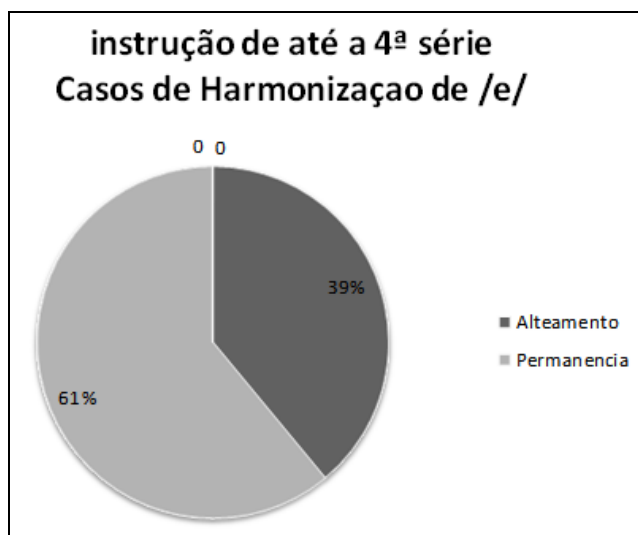


Gráfico 8 Grau de Instrução até a quarta série do ensino fundamental

É notório perceber as diferenças no município de Rio Branco entre os níveis de escolaridade conforme mostra os gráficos acima 3, 4, 5, 6, 7 e 8 no caso dos informantes que tem nível superior completo as ocorrências de Harmonização vocálica ocorre com menos frequência ocorrendo apenas 15% de /o/ e de 8% de /e/. E nos informantes com nível superior incompleto os dados de ocorrências não se diferenciam muito, pois as ocorrências de /e/ são de apenas 6% e de /o/15%. Comprovando as nossas hipóteses que os informantes que tiveram contato com a escola tende a ter maior cuidado com a fala, diferentemente dos que tem um grau de instrução mais baixo tendo apenas leitura de mundo. Perfazendo uma porcentagem em relação a /e/ 39% das 52 produções e de /o/ 25% das 56 produções.

6.1. Porto Acre

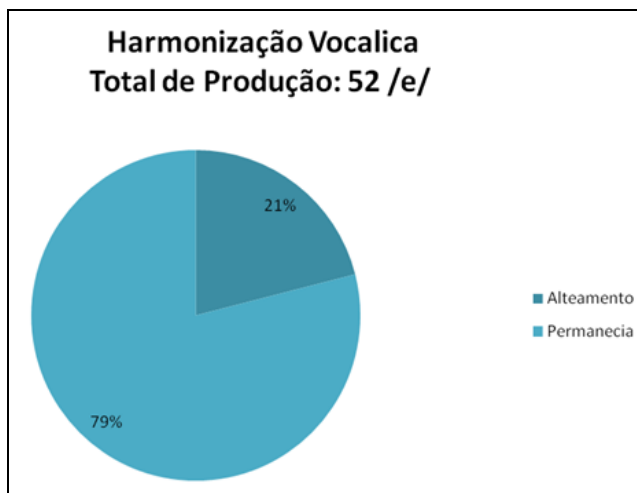


Gráfico 1 Geral do município de Porto Acre

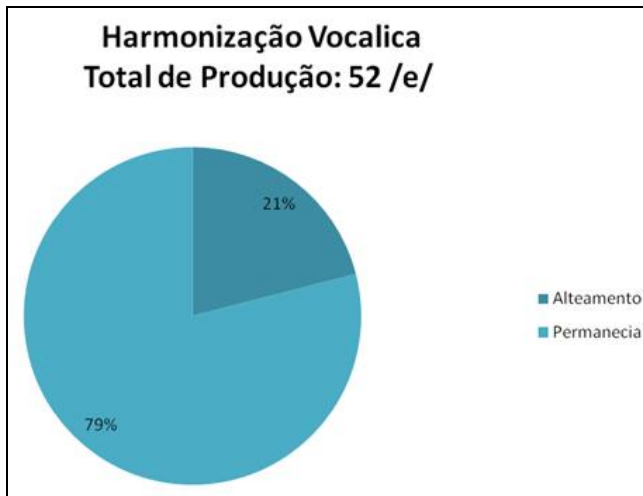


Gráfico 2 Geral do município de Porto Acre

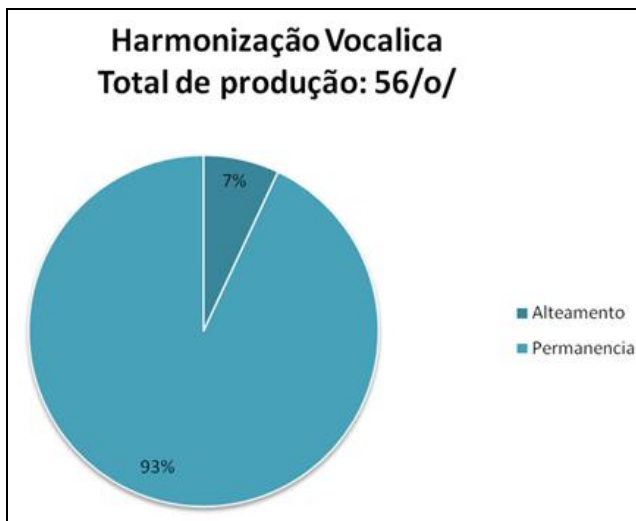


Gráfico 3 Geral do município de Porto Acre

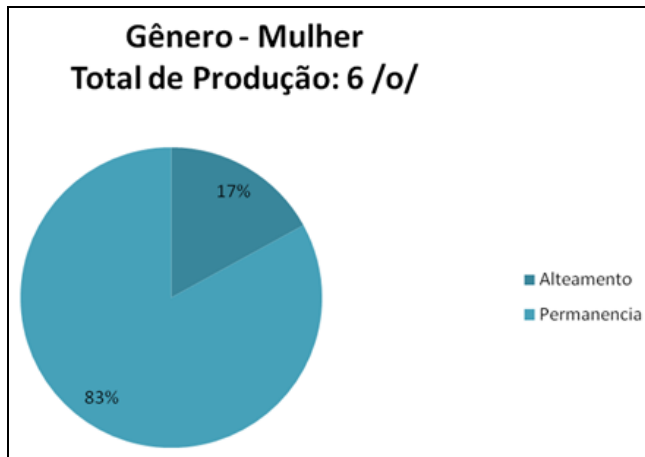


Gráfico 4 Geral do município de Porto Acre

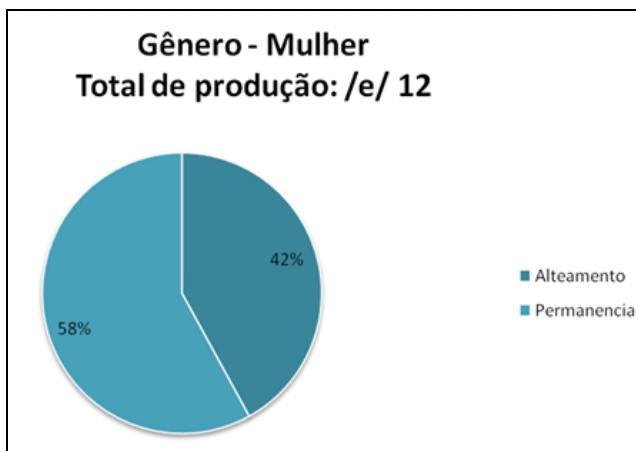


Gráfico 5 Geral do município de Porto Acre

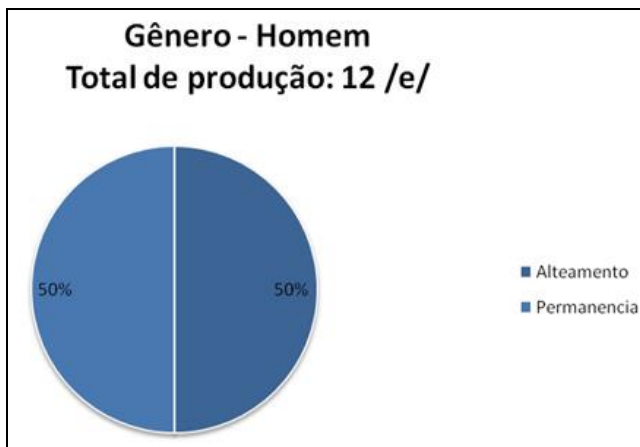


Gráfico 6 Geral do município de Porto Acre

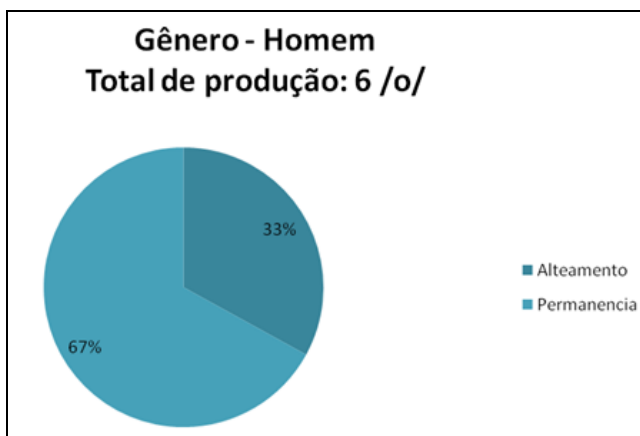


Gráfico 7 Geral do município de Porto Acre

Em relação ao fator gênero, condicionante sempre apontado nas pesquisas sobre o assunto, observamos que no município de Porto Acre a seguinte situação: das 6 produções de /o/, houve 2 alterações por parte dos homens e das 12 produções de /e/, houve 6 alterações, também por parte deles.

Já as mulheres altearam a vogal /e/ em 5 das 12 produções e alte-

ou, 01 das 6 produções de /o/.

Como apresentados os gráficos anteriormente para a melhor visualização desses percentuais.

6.2. Plácido de Castro

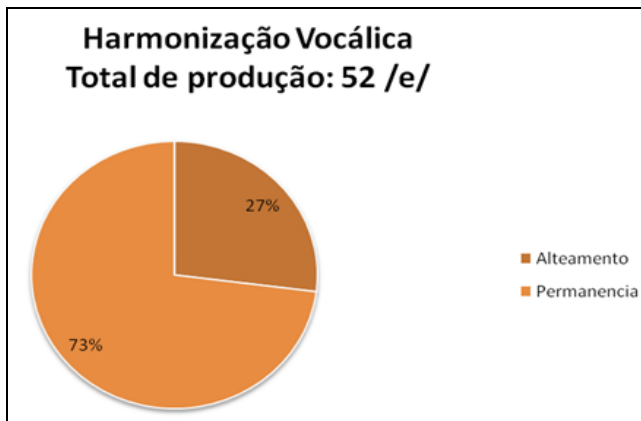


Gráfico 1 Geral do município de Plácido de Castro

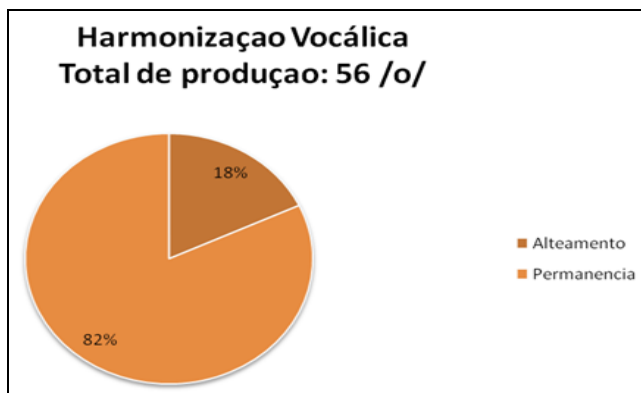


Gráfico 2 Geral do município de Plácido de Castro

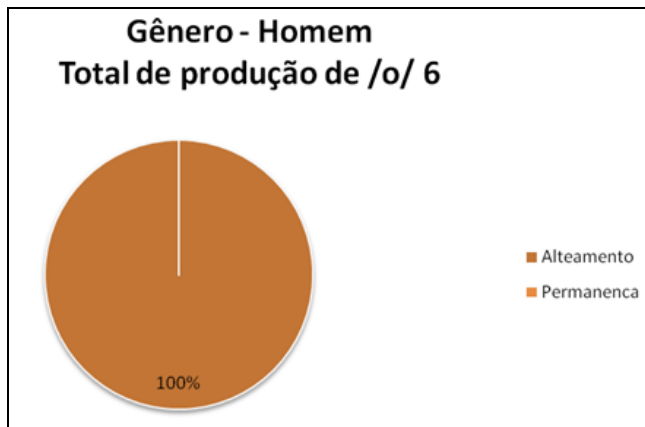


Gráfico 3 Geral do município de Plácido de Castro

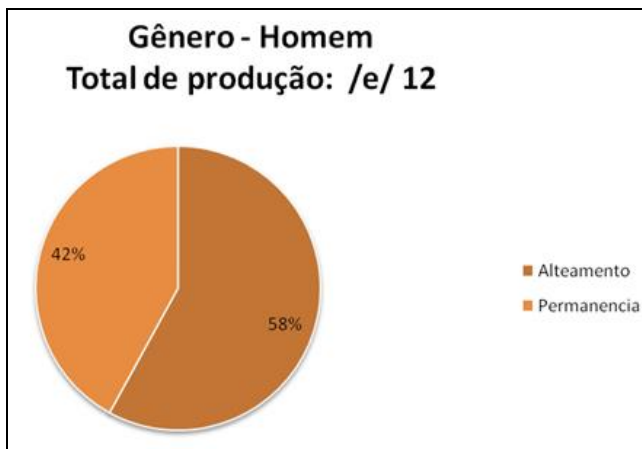


Gráfico 4 Geral do município de Plácido de Castro

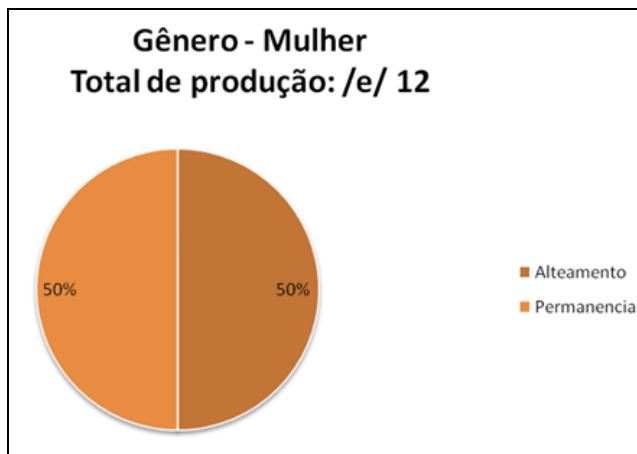


Gráfico 5 Geral do município de Plácido de Castro

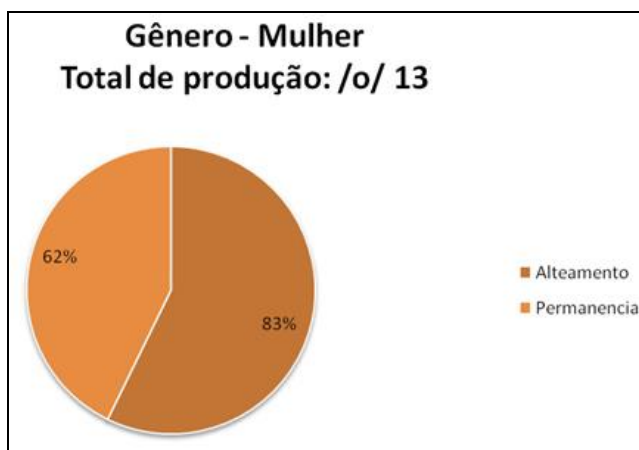


Gráfico 6 Geral do município de Plácido de Castro

Observou-se que no município de Plácido de Castro concernente ao fator gênero. Os dados mostram as seguintes ocorrências: das 12 produções de /e/, houve 7 alterações por parte dos homens e das 6 produções de /o/, houve 6 alterações, também por parte deles.

Já as mulheres altearam a vogal /e/ em 7 das 12 produções e alteou, 5 das 6 produções de /o/.

Apresenta-se os gráficos 3, 4, 5 e 6 acima para melhor visualização desses percentuais.

Nos três municípios estudados constatou-se que o fator gênero se mostrou pouco relevante nesta pesquisa, como é possível observar. Os índices são mais ou menos equânimes, e mostram que o comportamento linguístico de homens e mulheres é bastante parecido.

Essa constatação vem contrariar a hipótese de que as mulheres seriam mais conservadoras, mantendo-se mais fiéis à norma padrão do que os homens.

7. Considerações finais

Concluimos que a regra de harmonização vocálica das vogais pretônicas /e/ e /o/ não ocorreu de forma significativa no *corpus* em estudo, contudo, este resultado pode decorrer do fato de os informantes estarem cursando nível superior, e alguns já sendo superior completo tendo, portanto, maior cuidado com a fala. E os informantes com grau de instrução até a 4ª série observou-se que houve uma considerável variação nas ocorrências de harmonização vocálica, e isto pode ser explicado pelo fato de não ter tido uma aproximação maior da variação culta. Ocasionalmente apenas sua leitura de mundo.

Percebemos, também, a necessidade de ampliar o *corpus*, prevenindo palavras em que possam ocorrer, efetivamente, casos de harmonização vocálica sem intervenção de consoantes adjacentes aos sons examinados. Por fim, consideramos importante efetuar gravações de conversas em que os informantes irão se exprimir de forma mais espontânea.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUILERA, Vanderci de Andrade (Org.). *A geolinguística no Brasil: caminhos e perspectivas*. Londrina: UEL, 1998.

ARAÚJO, Aluíza Alves de. *O alteamento da pretônica/e/ no falar popular de Fortaleza: Uma abordagem variacionista*. Inédito.

BATTISTI, E; VIEIRA, M. J. B. O sistema vocálico do português. In: BISOL, L. (Org.). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

BISOL, Leda *Harmonização vocálica: uma regra variável*. 1981. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

_____; BRESCANCINI, Cláudia. (Orgs.). *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: Edipucrs, 2002.

CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne. *Como falam os brasileiros*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

_____; _____. COUTINHO, Lilian. Elevação e abaixamento das vogais pretônicas no dialeto do Rio de Janeiro. *Organon: Revista do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, v. 5, n. 18, 1991, p. 71-78.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. 39. ed. Petrópolis: Vozes, 1970.

CARNEIRO, Dayana Rúbia. *Análise dos processos fonético-fonológicos das vogais pretônicas com falantes da cidade de Araguari*. Instituto de Letras e Linguística, Universidade Federal de Uberlândia, MG.

_____. *O sistema vocálico pretônico nas zonas rural e urbana do município de Araguari*. Disponível em:

<<http://www.seer.ufu.br/index.php/horizontecientifico/article/viewFile/4135/3082>>. Acesso em: 25 out. 2009.

CAVALIÈRE, R. Aspectos fonológicos do português contemporâneo. *Cadernos de Filologia*, v. 1, n. 1. Disponível em:

<<http://www.filologia.org.br/abf/volume1/numero1/03.htm>>. Acesso em: 20 mar. 2010.

CRISTOFARO-SILVA, Thais. *Fonética e fonologia do português: roteiro de estudo e guia de exercícios*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 1999.

GRAEBIN, Geruza de Souza. *A fala de Formosa – GO: A pronúncia das vogais médias pretônicas*. Brasília. 2008 (Dissertação de Mestrado em Linguística).

LEMOS, Fernando Antônio Pereira. *O alicamento das vogais médias pretônicas e postônicas finais*. CEFET-MG.

LOPES, Maria do Carmo; MAGALHÃES, José Sueli. O sistema vocálico pretônico na cidade de São Gotardo. *IX Encontro Interno e XIII Seminário de Iniciação Científica*. Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de Letras e Linguística, [2009], p. 1-7. Disponível em: <<https://ssl4799.websiteseuro.com/swge5/seg/cd2009/PDF/IC2009->

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

0188.pdf>.

MATTOS E SILVA, Rosa Virginia. Português brasileiro: raízes e trajetórias. *Ciência Hoje – Conquista e Colonização*, vol. 15, n. 86, 1992, p. 76-81.

TENANIN, Luciani. As vogais átonas do noroeste paulista: os fatores estruturais e a variação linguística. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, n. 38, vol. 1, p. 69-82, jan.-abr. 2009. Disponível em:
<http://gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/38/EL_V38N1_06.pdf>.